

O Gigante do Horto: narrativas sobre a construção do Estádio Independência (1948-1950)

RESUMO

Esta investigação teve como objetivo prospectar o movimento de construção do estádio Independência, localizado em Belo Horizonte, MG. Neste sentido, investimos metodologicamente em uma análise de periódicos locais que circularam na cidade entre os anos de edificação deste espaço (1948/1950), disponibilizados em acervos físicos e digitalizados. Como destaque, dois personagens se sobressaem: o presidente do clube Sete de Setembro e o prefeito belorizontino. Ambos se configuram como peças determinantes para a consecução do projeto, assumindo o jogo político nas diversas instâncias (CBD, FIFA, clubes esportivos e agentes políticos institucionais). Contrariamente ao que se consolidou no discurso do imaginário social (e até mesmo no campo acadêmico), constatamos que o estádio Independência não teve originalmente a sua concepção voltada para a ocorrência de sediar jogos da Copa do Mundo de 1950, mas sim como um investimento do clube de futebol Sete de Setembro, que almejava ter uma imponente praça esportiva na cidade, para rivalizar com seus principais oponentes.

PALAVRAS-CHAVE: Estádio; Futebol; Copa do mundo; Política

Georgino Jorge de Souza Neto

Doutorado
Universidade Estadual de Montes Claros,
Departamento de Educação Física e
Desportos,
Montes Claros, Brasil.
netogeorgino@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9375-0438>

Sarah Teixeira Soutto Mayor

Doutorado
Universidade Federal de Juiz de Fora,
campus Governador Valadares,
Departamento de Educação Física,
Governador Valadares, Brasil
sarahsoutto@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-1643-6223>

Sílvio Ricardo da Silva

Pós-doutorado
Universidade Federal de Minas Gerais,
Departamento de Educação Física,
Belo Horizonte, Brasil
prof.srs@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0584-3675>

The Giant of Horto: narratives about the construction of the Independência Stadium (1948-1950)

ABSTRACT

This manuscript highlights the construction of Independência stadium, in Belo Horizonte, MG. In this sense, we analyse methodologically local newspapers that circulated in the city between the years of construction of this stadium (1948/1950), available in physical and digitized collections. As key figures in this process, two characters are crucial: the president of the Sete de Setembro Football Club and the mayor of Belo Horizonte. We argue that both were essential characters for the achievement for the project as they played strategic political deal in different scenarios (CBD, FIFA, sports clubs and also with institutional political agents). Contrary to popular belief (and even in the academic field), this paper reveals that the Independência stadium was not originally designed for hosting the 1950 World Cup. It was rather an investment made by the Sete de Setembro Football Club, which aimed to have an imposing sports complex in the city, and so compete against its main opponents.

KEYWORDS: Stadium; Football; World cup; Politics

El Gigante del Horto: narrativas sobre la construcción del Estadio Independência (1948-1950)

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo analizar el movimiento de construcción del estadio Independência, ubicado en Belo Horizonte, MG. En este sentido, fue realizada metodológicamente un análisis de las publicaciones periódicas locales que circularon por la ciudad entre los años de construcción de este espacio (1948/1950), disponible en colecciones físicas y digitalizadas. Destacamos dos personajes: el presidente del club Sete de Setembro y el alcalde de Belo Horizonte. Ambos se configuran como piezas cruciales para la consecución del proyecto, asumiendo el juego político en distintas instancias (CBD, FIFA, clubes deportivos y agentes políticos institucionales). Al contrario de lo que se ha consolidado en el discurso del imaginario social (e incluso en el ámbito académico), concluimos que el estadio Independência no fue diseñado originalmente para albergar partidos del Mundial de 1950, sino como una inversión del club Sete de Setembro, que pretendía tener una imponente plaza deportiva en la ciudad, para disputar con sus principales rivales.

PALABRAS-CLAVE: Estadio; Fútbol; Copa del mundo; Política

INTRODUÇÃO

O Estádio Independência, oficialmente denominado Estádio Raimundo Sampaio, é uma das mais importantes praças esportivas do país, tendo sido inaugurado em 1950, servindo de sede mineira para a realização da Copa do Mundo de Futebol daquele ano. A sua construção é cercada de muitas perspectivas (econômicas, políticas, culturais), o que motiva uma mirada mais apurada sobre todo este processo. Ao contrário do que é comumente difundido pelo senso comum e por alguns materiais bibliográficos, são apresentados um conjunto de fatos históricos que nos permitem apontar que o estádio não foi edificado para atender à pretensão de sedimento da capital mineira, mas para atender ao antigo anseio de um clube da cidade, o Sete de Setembro, de possuir seu próprio espaço. Esta investigação pode contribuir para o debate acerca dos estudos do futebol, notadamente aos interessados na sua abordagem historiográfica, ao prospectar uma base de fontes periódicas que tratam sobre o objeto em questão.

A proximidade temporal da idealização do estádio pelo Sete com a realização da Copa do Mundo no Brasil, somada à precariedade dos estádios belo-horizontinos para receber um evento de tamanho porte, transformou o empreendimento na maior esperança do povo mineiro em acompanhar de perto alguns dos jogos do Mundial. Essa possibilidade era alimentada, cotidianamente, nas páginas dos jornais e das revistas que circulavam na capital, que se desdobravam em noticiar o andamento das obras e as tratativas com a CBD (Confederação Brasileira de Desportos), além de enaltecer as ações do presidente do Sete de Setembro, Antônio Lunardi, e do prefeito de Belo Horizonte à época, Otacílio Negrão de Lima, abordados como verdadeiros heróis do esporte mineiro.

Os principais clubes da cidade (América Futebol Clube, Clube Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube) possuíam seus estádios, mas já há alguns anos esses espaços eram alvos de críticas por parte da imprensa em razão de sua estrutura, pouco condizente com o profissionalismo instaurado em 1933. O alto custo do novo formato do futebol, sobretudo para a contratação e manutenção de jogadores, requeria maior lucro das bilheterias. Todavia, com a pouca capacidade de público dos estádios, a renda dos jogos ficava aquém do necessário, o que gerava sucessivas crises. Com a ideia sempre presente de acompanhar o cenário carioca e paulista e consolidar-se como terceiro centro do país, os partícipes do meio futebolístico belo-horizontino percebiam a urgente necessidade de um grande estádio para inserir de vez “o pobre e pacato futebol mineiro”¹ na senda do profissionalismo.

¹ RETENÇÃO de valores. Vida Esportiva, dez.1949, n.14, p.5.

Desta forma, o presente artigo tem como objetivo analisar o cenário que permitiu a construção do Estádio Independência, na cidade de Belo Horizonte (MG), e sua posterior utilização como uma das sedes da Copa do Mundo de 1950.

Metodologia

Utilizamos como fontes para a pesquisa reportagens de impressos que circularam em Minas Gerais no período de construção do Independência (1948-1950), especificamente os jornais *Estado de Minas*, *Folha de Minas*, *Diário Esportivo* e as revistas *Vida Esportiva*, *América* e *Olímpica*. Após busca exaustiva e leitura prévia do material, elegemos as reportagens que abordavam, direta ou indiretamente, a idealização, a construção e a inauguração do Independência, os motivos que levaram à sua construção, bem como a utilização do espaço para jogos da Copa do Mundo de 1950.

Entendendo que no movimento de busca das fontes, que dão vozes aos atores do passado, é que foi definida a metodologia de análise, orientamos este trabalho a partir da noção de “representação” como forma de subsidiar a nossa narrativa, visto que a mesma configura-se como categoria central da História Cultural. Cabe elucidar que as representações apresentam-se como possibilidade de entendimento de um fenômeno histórico-social, ou ainda, dito por Chartier (1988), como instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é.

Inspiramo-nos também no paradigma indiciário, importante conceito metodológico da micro-história. O objeto da micro-história não reside nas estruturas e mecanismos que regem, fora de todo subjetivismo, as relações sociais, mas sim nas racionalidades e estratégias que põem em funcionamento as comunidades, as parentelas, as famílias, os indivíduos (Chartier, 1994). Nesta perspectiva, o método indiciário proposto por Ginzburg (1990) é valiosa ferramenta. Nele, a história não é uma ciência de tipo galileano (totalmente abstrata, dedutiva, quase matemática), mas uma ciência do particular. Ao historiador cabe, com método e problemáticas teoricamente amplas, captar e decifrar os indícios, à semelhança do que faz o médico, o detetive e outros “investigadores” que só atingem o geral a partir de sinais particulares, valendo-se de erudição e mesmo de intuição.

O recorte temporal para a análise do objeto foi estabelecido/pensado entre os anos de 1948 e 1950. Tal delineamento de tempo se justifica pelo fato do Estádio Independência ter tido a sua construção demarcada entre os anos de 1948-1950.

Com tais procedimentos, procuramos nas fontes as pistas que possibilitaram a investigação historiográfica viável. A opção aqui delineada fundamentou-se, prioritariamente, nas fontes escritas. Para Lopes (1996), as fontes escritas abrangem também qualquer tipo de trabalho, direta ou indiretamente escrito para os fins a que o pesquisador(a) lhe destina. Desde os documentos legais,

isto é, a legislação pertinente, até livros de receita, por exemplo, passando por biografias e autobiografias, literatura de época, narrativas de viagens, correspondência, jornais, etc.

Sobre a utilização de periódicos em estudos de caráter histórico, é necessário entender a especificidade deste tipo de fonte, que carrega em si uma peculiaridade do tempo e do espaço em que foi forjada. O olhar do historiador deve reconhecer, portanto, a existência de uma intencionalidade por detrás da elaboração dos textos de um periódico, e captar a essência dos discursos impressos.

Todo este conjunto de fontes foi acessado em acervos da cidade de Belo Horizonte entre os anos de 2015/2017, os quais destacamos a seguir: Hemeroteca Pública do Estado de Minas Gerais (acervo físico e digital); Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais (acervo físico e digital); Coleção Linhares (acervo digital); Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (acervo físico).

A seguir apresentamos os resultados desta imersão nas fontes, destacando o clube Sete de Setembro como elemento que vai capitanear o projeto; os principais personagens envolvidos no processo; e os fatos determinantes para o desenvolvimento e conclusão da obra.

O Sete de Setembro

O Sete de Setembro foi um clube fundado em Belo Horizonte no ano de 1913. Localizado no Bairro da Floresta, manteve-se ao longo de sua existência como um dos tradicionais clubes da cidade, embora não fosse protagonista na conquista de títulos dos principais campeonatos. O desejo antigo de possuir seu estádio próprio começou a se tornar realidade no final da década de 1940, com o início da construção do Independência. Inicialmente nominado Estádio do Sete ou Estádio do Horto² (assim referenciado pela região de sua localização, o Horto Florestal), o Independência materializou-se como uma promessa redentora do futebol mineiro.

O discurso recorrente era o de que, tendo um grande estádio, um grande time também passaria a ser realidade. Embora antigo e tradicional (o Sete de Setembro é fundado em 1913, e refundado no início da década de 1940), o Sete não passava de um clube acanhado, tratando-se de pretensões de conquistas e grandes vitórias. A perspectiva com a construção do estádio era de uma completa mudança neste estado de coisas, como bem demonstrava a reportagem da Revista Vida Esportiva, publicada em sua edição de dezembro de 1948, e que reverberava o novo momento do clube florestino:

² O estádio recebeu o nome de Independência, em função do clube Sete de Setembro, seu proprietário. Essa é a denominação mais comumente encontrada nos periódicos, e que ficou marcada como principal referência nominal, embora não tenha sido batizado formalmente até a sua reforma no ano de 1987, quando recebeu o nome oficial de Estádio Raimundo Sampaio, em homenagem ao seu mais ilustre torcedor e ex-presidente do Sete de Setembro.

Parece realmente impossível que um clube como o Sete de Setembro, grêmio simples e pequeno de reservas materiais, consiga realizar em Minas o que todos almejam e só os grandes tentam. O trabalho, a abnegação, o tirocínio, todavia, suprem muitas vezes o empecilho da carência de recursos financeiros. O material humano superpõe-se ao número das cifras na defesa de um ideal. Não conhece a fraqueza, nasce com o sol e não se põe com as estrelas. Eterniza-se, acompanha o anseio comum e só se extingue com a consumação da causa proposta. É a luta magnífica do espírito forte. É a batalha memorável do pequeno David igualando-se em terreno de luta aos “Golias” defensores das obras progressistas, consumidoras das imagens e aspirações dos artistas estetas humildes. A vida é a eterna luta do progresso. Nela, adentra poderosos, magnatas, gênios, idealizadores e contribuintes. Da contribuição de muitos resulta a obra comum. Na obra comum nem sempre se identificam os méritos da realização. O Sete sonhou como todos. Vem sonhando há muitos anos. Como “pequeno”, só lhe cabia sonhar. Desempenhava na sua estupenda folha de serviços e contribuições aos nossos esportes o papel do gênio humilde sem meios materiais de concretizar a riqueza de suas ideias, a grandeza de seus planos. Bastou-lhe o sôpro, uma brisa “cifrada”, para que se lançasse com valentia e segurança nos novos caminhos do seu horizonte. O Sete encontrou no auxílio dos nossos poderes administrativos municipais o que lhe faltava para dar corpo à obra idealizada. Foi rápida a manobra. Com apenas uma clarinada, com o toque de reunir e trabalhar dado pela diretoria do querido clube da Floresta, alinhavam-se nos terrenos do Horto Florestal aqueles que lá iam fincar os novos marcos decisivos do futuro do Sete, um amanhã que se anuncia festivo e cheio de luzes.³

Quando MG alcançará o Rio de Janeiro e São Paulo? O Independência como triunfo do Sete e redenção das Gerais

A construção do Independência dialogava com uma possibilidade arquitetônica mais antenada com a nova ordenação de estádios que começam a ser inaugurados a partir dos anos 1940, articulada com um discurso que trazia a reboque a necessidade de uma lógica que propunha grandiosidade, concretude (literalmente algo construído com base no concreto armado) e monumentalidade moderna (outra modernidade, mais potente e ampliada). De acordo com Schetino (2014) é possível entender que “[...] as construções grandiosas ultrapassam o seu tamanho físico. Transformam o espaço da cidade, mas representam também projetos políticos, com implicações nos costumes e modos de vida dos seus habitantes”. Para o autor, especialmente no caso dos estádios, há a instauração de “um conjunto de novas práticas em torno da cultura esportiva da cidade” (2014, p.143). No entendimento de John Bale (1993), mudanças em espaços que abrigam estádios não refletem apenas o desenvolvimento do esporte. Elas refletem em larga medida as mudanças sociais, uma vez que apontam como a sociedade se desenvolve e indica suas adesões, convertendo-as em ativismo, no qual o esporte é uma parte.

³ Revista Vida Esportiva, dez. 1948, p. 17.

Ao desenvolvimento do futebol na capital mineira (ele próprio, o futebol, já se tornara uma insígnia para uma cidade distintiva), tornava-se fundamental a construção de espaços que abrigassem a prática esportiva, com uma adequação e exigência cada vez mais crescentes. Posteriormente, num momento em que o futebol se firmara como significativa marca social, a inauguração de estádios em Belo Horizonte se articulava à tentativa de fundação de uma marca arquitetônica/espacial que projetasse o nome do estado de Minas Gerais para o restante do Brasil, cuja imponência vanguardista pudesse rivalizar com outras forças político-geográficas do país, notadamente o Rio de Janeiro e São Paulo.

A concretização do “sonho” setembrino extrapolava, assim, os anseios e as expectativas internas e acompanhava necessidades práticas e conotações simbólicas (MASCARENHAS, 2005) que se alinhavam aos preceitos do regime profissional, da diversão restrita de outrora tornada profissão e poderosa fonte de lucro e poder. Para Gaffney e Mascarenhas (2004), atentos à oportunidade de se lucrar, operadores privados profissionalizaram os esportes, visando grandes espetáculos. Como consequência, temos os grandes estádios da era moderna. Nessa perspectiva, a edificação do Independência demonstrava, muito mais do que um empreendimento individual, uma aspiração coletiva alimentada pela importância que o futebol já representava no cotidiano de Belo Horizonte na década de 1940.

A criação de um estádio municipal ou estadual era compreendida como a maior solução para incrementar o futebol mineiro e resolver os problemas enfrentados no regime profissional, como anunciado pelo *Diário Esportivo*: “Sim! Não há a menor dúvida! Minas Gerais precisa de um Estádio. Se tivermos Estádio teremos renda e com rendas estarão remediadas todas as nossas dores de cabeça!”⁴. E ainda:

Precisamos dos poderes públicos! Precisamos dos terrenos da Prefeitura, precisamos das obras do Estado! Quando isso se der alcançaremos Rio e S. Paulo. [...] O Estadio trar-nos-a o dinheiro com que nos igualaremos. Temos publico e temos futebol! Veremos então Minas ombreando-se com Rio e São Paulo e ocupando o lugar na vanguarda que por reais merecimentos deve pertencer-lhe⁵.

O crescente êxodo de jogadores incomodava o meio futebolístico local, ameaçando a qualidade dos clubes e dos torneios e a projeção que se esperava para o Estado, o que levava os impressos a tecerem repetidas críticas à situação observada, a exemplo da revista *Vida Esportiva*, que possuía uma coluna intitulada *Cracks que se foram* para noticiar os jogadores que deixavam

⁴QUANDO alcançaremos Rio e S. Paulo? *Diário Esportivo*. 11 de out.1945, n.12, p.4.

⁵ QUANDO alcançaremos Rio e S. Paulo? *Diário Esportivo*. 11 de out.1945, n.12, p.4

Minas Gerais: “Paupérrimo futebol mineiro! Triste e desamparado, vazio de atrativos e transbordante em problemas cruciantes e... insolúveis⁶”.

Nos anos de 1948 e 1949, dois estádios foram reformulados em Belo Horizonte: o do América (Estádio Otacílio Negrão de Lima, também conhecido como Alameda) e o do Cruzeiro (Estádio Juscelino Kubitschek), respectivamente. Ambos possuíam uma capacidade aproximada para quinze a vinte mil torcedores e foram noticiados à época como grandes empreendimentos em favor do progresso do futebol mineiro. No entanto, estas iniciativas ainda eram tímidas frente às crescentes exigências do profissionalismo, o que fez recair na ação do clube Sete de Setembro a nova esperança de soerguimento do futebol da Capital e do Estado.

Desta forma, o novo estádio começa a se inscrever no cotidiano da cidade, primeiramente como desejo e vontade de um grupo de pessoas, destacadamente o seu presidente, Antônio Lunardi. Na edição de 20 de agosto de 1948, o jornal *Estado de Minas* anunciava nota da diretoria do grêmio setembrino, informando sobre o evento de início das obras:

A diretoria do Sete de Setembro fará realizar, amanhã, com expressivas solenidades, o início da terraplanagem do terreno onde será erguido o seu estádio, que receberá o nome do presidente da República, Gal. Eurico Gaspar Dutra [...] Deliberaram os responsáveis pelo grêmio da Floresta⁷ homenagear a imprensa falada e escrita da cidade, oferecendo aos jornalistas especializados um “drink” no local do seu estádio [...]. A solenidade será efectuada às 15 horas. Além da crônica esportiva deverão prestigiar o acontecimento altas figuras dos desportos da cidade, bem como da política mineira.⁸

Outro importante periódico local, o *Folha de Minas*, também narrava os desdobramentos das festividades de lançamento das obras do estádio setembrino. Com texto intitulado “Lançado o marco de uma grande realização”, o jornal destacava:

Em brilhante solenidade, que contou com a presença de figuras de destaque nos meios sociais e esportivos da Capital, notando-se entre elas inúmeros vereadores, representantes da crônica falada e escrita da Cidade, representantes dos diversos clubes e autoridades, foram inauguradas ontem, às 14:30 horas, as obras de construção do novo estádio do Sete de Setembro de Futebol e Regatas, que será localizado em amplo e excelente terreno no Horto Florestal, com uma área aproximada de 32 mil metros. De acordo com a planta apresentada aos presentes, trata-se sem dúvida alguma de um notável empreendimento e que custará ao Sete mais ou menos cinco milhões de cruzeiros. O estádio, que será um dos mais belos e confortáveis do Brasil, terá capacidade para cerca de 45 a 50 mil pessoas, sendo dotado de pista de atletismo, quadras de basquete, vôleibol, piscina, etc.⁹

⁶RETENÇÃO de valores. *Vida Esportiva*, dez.1949, n.14, p.5.

⁷ O clube Sete de Setembro ganhava também a designação de “grêmio da Floresta” em função de se localizar no bairro do Horto Florestal, popularmente conhecido por “Floresta”.

⁸ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 7, 20 ago. 1948.

⁹ FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 10, 22 ago. 1948.

O fato da construção de um novo estádio na capital não pertencer a nenhum dos principais clubes da cidade chamava a atenção, principalmente pelo vultoso projeto. Uma série de fatores converge para a iniciativa do Sete de Setembro, mas o coeficiente político (especialmente a atuação do seu presidente Antônio Lunardi¹⁰, que era vereador de Belo Horizonte e fortemente articulado ao meio político da capital) acaba sendo decisivo para o desenvolvimento de tamanha empreitada. A associação com o mundo político é recorrente em todo o processo de construção do estádio, como no final da nota supracitada, que anunciava, na solenidade de terraplanagem do terreno, o prestígio da presença de “altas figuras da política mineira”. O estádio não foi, assim, um empreendimento público, como sugeria o *Diário Esportivo*, mas pode-se afirmar que sua existência apenas foi possível por meio de importantes articulações políticas.

Se em 1948 o início das obras alcança a realidade, o sonho do estádio setembrino começara a ser desenhado anos antes, como parte de uma estratégia de crescimento do clube, que pretendia rivalizar com os três grandes da capital. Na publicação do *Diário Esportivo*, datado de 16 de agosto de 1945, essa tentativa de projeção no cenário futebolístico é destacada, com a nota intitulada “O Novo Sete”:

Enquanto isso opera-se num outro clube da capital, verdadeira revolução: é o Sete de Setembro de Futebol e Regatas, a caminho de obter seu próprio campo, quadra de basket e vôlei, etc., antigas e legítimas aspirações dos florestinos. [...] E, se conseguir realizar tudo que se acha encaminhado, tornará o grêmio rubro uma das maiores agremiações mineiras. Ao seu lado está uma mocidade dedicada, disposta e de valor. Recapitulando-se sumariamente a vida do Sete, desde o seu ressurgimento há alguns anos, é justo salientarmos os nomes do ex-presidente, cel. João Garzon; de **Antônio Lunardi**¹¹, antigo jogador e diretor; de Michel Bedran, ex-vice-presidente, além de outros trabalhadores do clube.¹²

O papel do poder público

O discurso recorrente era o de que, tendo um grande estádio, um grande time também passaria a ser realidade. Embora antigo e tradicional, o Sete não passava de um clube acanhado em se tratando de conquistas dos campeonatos mais importantes. A perspectiva com a construção do estádio era de uma completa mudança neste estado de coisas.

¹⁰Antônio Lunardi foi vereador na primeira Câmara de Belo Horizonte, entre os anos de 1947/1951. Em seguida, se tornou Deputado Estadual na segunda legislatura mineira, de 1951 a 1955. Além do envolvimento no campo político, era próspero empresário, proprietário da Fábrica de Ladrilhos e Marmoraria Lunardi e Oficinas Lunardi Filhos Ltda. Lunardi assumiria a presidência do Sete de Setembro em 10 de outubro de 1947.

¹¹Grifo Nosso.

¹²DIÁRIO Esportivo. Belo Horizonte, p. 4, 16 ago. 1945.

Se Lunardi capitaneava as ações em prol do Sete, outro personagem também se mostrava fundamentalmente importante, atuando fortemente a favor do esporte belo-horizontino (destacadamente o futebol): o prefeito Octacílio Negrão de Lima¹³, reconhecidamente um “esportista cem por cento”¹⁴, que no seu segundo mandato implementa intervenções concretas no sentido de potencializar o futebol da cidade. Uma delas (provavelmente a mais importante de todas), diz respeito à concretização de um subsídio financeiro para os principais clubes de futebol da capital (na verdade a maior parte do recurso iria para os três principais clubes da cidade, mais o Sete). Tal atitude é amplamente repercutida na imprensa belo-horizontina, em sua grande parte favorável (embora alguns periódicos tenham críticas contundentes à referida ajuda monetária). O *Estado de Minas*, por exemplo, apoiava a atitude do prefeito, reservando um considerável espaço de positiva ressonância, como lê-se a seguir:

Temos hoje a notícia que realmente merece ser qualificada de importante para a vida e o desenvolvimento dos esportes nesta Capital. Soluciona-se o imperioso problema dos estádios dos nossos quatro clubes: Clube Atlético Mineiro, América Futebol Clube, Cruzeiro Esporte Clube e Sete de Setembro de Futebol e Regatas. A boa nova vem-nos da Municipalidade e só poderia ser dada por esse administrador de larga visão, por esse esportista de superior linhagem que é o dr. Octacílio Negrão de Lima [...]. Chegou finalmente o dia dos esportes. É claro que a ação do governador da Capital deveria fazer-se atuar no centro vital do problema. **Faltam-nos estádios**¹⁵. Se o povo aprecia o esporte e para comparecer aos “meetings” atléticos pede ao menos relativo conforto, dê-se ao povo os estádios que exige, com o maior conforto. É o que faz agora a nossa Municipalidade, através da ação esclarecida do dr. Otacílio Negrão de Lima. Ficou deliberado ontem que os nossos quatro grandes clubes - Atlético, América, Cruzeiro e Sete de Setembro – receberão auxílio valioso e decisivo para ampliação, reformas e construção de suas praças de esporte¹⁶.

A menção ao prefeito como o homem público responsável por oxigenar os clubes belo-horizontinos (especialmente no que tange à reforma e construção de estádios), vinha a reboque do discurso político atrelado às necessárias intervenções do poder público local, e atendidas por um sujeito afeito e sensível a estas demandas. Entendia-se, via discurso jornalístico, que era urgente a questão de estádios melhores (no caso das reformas), e de um grande estádio para a cidade (no caso da construção do estádio do Sete), além do socorro às causas do esporte (destacadamente o futebol).

Otacílio Negrão de Lima valeu-se de uma destinação financeira prevista na Lei Municipal nº10, de 8 de março de 1948, que instituía, dentre outras possibilidades, o repasse para custeio de

¹³Foi o vigésimo primeiro prefeito de Belo Horizonte, exercendo mandato de 8 de abril de 1935 a 18 de abril de 1938; e vigésimo nono prefeito, no mandato de 12 de dezembro de 1947 a 1 de fevereiro de 1951 na Prefeitura de Belo Horizonte.

¹⁴Última novidade. Estado de Minas, 14/04/1948.

¹⁵Grifo nosso.

¹⁶ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 4, 26 mai. 1948.

atividades culturais, artísticas e desportivas. Em fins de maio, realizou uma reunião com os dirigentes dos clubes e poucos dias depois já se publicava um decreto com o valor específico destinado às entidades esportivas. O Decreto nº 10, de 4 de junho de 1948 estabelecia, no Artigo 1º: “Fica aberto o crédito especial de doze milhões de cruzeiros (Cr\$ 12.000.000,00) para atender ao pagamento das despesas mencionadas no item V, do art. 3º, da Lei nº 10, de 8 de março de 1948”¹⁷.

Discórdia da imprensa sobre o investimento público

No entanto, este vultoso crédito aos clubes da capital não era visto como uma unanimidade positiva em todos os periódicos. O *Folha de Minas*, por exemplo, deixava claro a sua (o)posição, questionando a validade do repasse desse aporte de recursos para o futebol local. Na coluna “Nossa Opinião”, localizada no interior da seção de esportes do jornal, o texto assinado pelo pseudônimo *Agabêa* tecia críticas bastante demarcadas quanto à esta questão. Na edição de 30 de setembro de 1948, o jornalista explicitava, em um texto intitulado “Quando a esmola é muita...”:

Não há muito, dizíamos – repetindo o ditado que o próprio povo consagrou – que “a esmola quando é grande, reclama que se desconfie dela”. E lembrávamos isso com relação aos 12 milhões que a Câmara Municipal, pela sua maioria, votara como verba de auxílio ao futebol profissional de Belo Horizonte. Não desconfiávamos, apenas, da enormidade da esmola. Lamentávamos, mais, o critério infeliz que conduziu os nobres representantes do povo na distribuição dessa verba. Cruzeiro, Atlético e América, cada qual recebeu 2 milhões de cruzeiros. O Sete – em razão de circunstâncias especiais¹⁸ – recebeu 3 milhões.¹⁹

A crítica se fazia claramente em duas frentes: à real necessidade do repasse, considerando-se os fins; e à destinação tributária, considerando-se as vantagens que o próprio poder público obteria.

Ainda que no plano político as divergências de interesses fossem explícitas, no campo do futebol por vezes a produção de discursos se tornava convergente. Este parecia ser o caso da construção do estádio setembrino, que era bem visto aos olhos de boa parte da imprensa, confirmando o interesse que havia na edificação de um estádio que se fizesse à altura da capital mineira.

Embora a desejosa pressa dos executores do projeto esbarrasse nos mais variados contratemplos, o estádio seguia irrompendo na paisagem da Floresta, alimentando a expectativa da sua conclusão pela comunidade desportiva da cidade. A *Revista América*, na sua edição de

¹⁷Decreto nº 10, de 4 de junho de 1948. Abre crédito especial para incentivar atividades culturais, artísticas e esportivas. Disponível em: <http://leismunicipa.is/fijgm>. Acesso em 15 jul.2016.

¹⁸ “Circunstâncias especiais” em função da construção do estádio. 3 milhões de cruzeiros corresponderia, em valores aproximados, a 15 milhões de reais nos dias atuais.

¹⁹ FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 30 set. 1948.

novembro de 1948, apresenta duas reportagens bastante expressivas sobre o andamento das obras do estádio setembrino, fazendo vivas manifestações sobre a importância da sua construção. A primeira, de ordem mais técnica, descreve os procedimentos da complexa terraplanagem que teve que ser feita para preparar o terreno. Na chamada da matéria lia-se: “As gigantescas obras de terraplanagem executadas na futura e grande praça de esportes mereceram os mais entusiasmados elogios dos melhores entendedores da matéria”²⁰.

A segunda reportagem da revista do clube americano é na verdade um relato. Na seção “Última Página”, o cronista (que não assina o texto), narra a sua visita às obras do estádio setembrino e descreve as suas impressões ao longo da crônica. É notável o quanto a dimensão do estádio afeta o narrador, evidenciando a importância que tal empreendimento teria para o cotidiano esportivo da cidade de Belo Horizonte, e mais ainda, para o orgulho do povo mineiro. O registro jornalístico, intitulado “O Estádio do Sete”, é assim apresentado:

[...] No coração do Horto Florestal, alongamento da Floresta, tradicionalmente sede do Sete de Setembro, pudemos encontrar, num sábado em que todos descansavam da árdua jornada semanal e buscavam recuperar forças, os operários da grande obra setembrina desdobrando-se para rasgar num círculo de morros altos, velhos e duros, a forma oval do futuro e monumental estádio, que deverá ser, salvo cálculos falhos, um dos primeiros de todo o Brasil, em amplitude e capacidade [...]. E foi assim que exaltamos o arrojo dos setembrinos, a coragem de um presidente, a visão de um homem público. [...] lembramos o desassombro de um paredro que se dispôs a meter-se em semelhante empresa, cheia sempre dos maiores problemas; lembramos, por fim – como não poderia deixar de acontecer – a lealdade do Prefeito, homem que vem cumprindo à risca, desde que galgou as escadarias do Palácio da Municipalidade, todas as promessas feitas ao esporte. Em razão de tudo isso é que o Sete de Setembro terá, ainda em 49, o seu grande estádio, com capacidade para mais de 40 mil pessoas, verdadeiro monumento desportivo, um gigante de cimento encostado em enormes morros, impávido a desafiar as multidões, engolindo sem parar milhares e milhares de ardorosos amantes dos esportes. Trabalha o Sete. Para construir sua casa, para possuir o seu lar [...]²¹.

Em ambas as reportagens o anúncio de que o estádio ficaria pronto em 1949 apontava uma projeção que, embora desejada, dificilmente se efetivaria. Ainda assim, Lunardi faria alardeado anúncio aos incrédulos jornalistas cariocas, em viagem que fez à Capital do país. Esta viagem acaba sendo registrada e tendo cobertura da imprensa belo-horizontina, como mostra a reportagem do periódico *Folha de Minas*, ao estampar em destaque a manchete: “Seguirá hoje para o Rio o Presidente Antonio Lunardi”:

Segundo apuramos ontem nos círculos esportivos ligados ao Sete de Setembro F. C., o presidente Antonio Lunardi deverá seguir na manhã de hoje, de automóvel, para a capital do país. Sabe-se que o dinâmico prócer florestino irá ao Rio em

²⁰ Revista América, Novembro de 1948, p. 23.

²¹ Revista América, Novembro de 1948, p. 28.

missão esportiva. Todavia duas hipóteses²² se fazem sôbre os verdadeiros motivos da repentina viagem do vereador Antonio Lunardi à Capital do país. Acreditam uns que a missão se alia à próxima disputa, no Brasil, da “Copa do Mundo”. Como é de conhecimento do público, o presidente da Confederação Brasileira de Desportos, sr. Rivadavia Correia Meyer, comprometeu-se a fazer realizar alguns jogos do certame em Belo Horizonte, desde que ficassem concluídas as obras do estádio do Sete de Setembro Futebol Clube, com capacidade para numeroso público. Pois bem, divulga-se que o sr. Antonio Lunardi irá pedir o pronunciamento oficial e definitivo da C.B.D, e, caso seja afirmativa a promessa, serão realizados entendimentos diretos com o prefeito da Capital, no sentido de que sejam atacados com urgência os trabalhos de construção do grandioso estádio do grêmio florestino, conforme promessa do sr. Otacílio Negrão de Lima²³.

A ligação do estádio com a Copa do Mundo de 1950

De fato, esta seria a hipótese que se confirmaria ao longo da semana em que Lunardi permaneceu no Rio de Janeiro. Realizando um trabalho de relações públicas, o dirigente setembrino comunicava e propalava à imprensa carioca os seus planos, já claramente vislumbrando a conivente oportunidade da realização da Copa do Mundo em terras brasileiras para capitanear o aceleração das obras do seu estádio, bem como da sua divulgação e valorização. Nota-se que esta tratativa se dá praticamente um ano após o início de construção do estádio. Em outra edição, o *Folha de Minas* explicitava as manobras de Lunardi, esclarecendo os motivos da sua viagem:

RIO, 7 (Asapress) – Encontra-se aqui, o sr. Antonio Lunardi, presidente do Sete de Setembro Futebol Clube, de Belo Horizonte, que comunicou à Confederação Brasileira de Desportos, que em abril do próximo ano será inaugurado o “Estádio Independência”, o maior de Minas e um dos melhores do Brasil, onde poderão ser realizados jogos do campeonato mundial [...]. Por ocasião da inauguração do “Estádio Independência”, irão a Belo Horizonte dezenas de dirigentes e esportistas cariocas, como convidados especiais do fidalgo grêmio belorizontino, podendo assim ver de perto a grandiosa obra do Sete de Setembro, que não está medindo sacrifícios no sentido de construir uma magnífica praça esportiva. O sr. Antonio Lunardi foi recebido pelos dirigentes da CBD, a quem disse da boa nova, tendo os jornais locais dedicado manchetes ao grande empreendimento do tradicional clube belorizontino²⁴.

O Estádio se torna realidade: Belo Horizonte vai à Copa...

A partir das articulações de Lunardi, há uma evidente mudança nos rumos da construção do Independência. Desmontando a tese que recorrentemente vigora (não apenas no senso-comum, mas

²²Tratamos aqui na nota apenas da primeira hipótese. A segunda hipótese dizia respeito à especulação de que a viagem do dirigente florestino seria para tratar de reforços para o clube setembrino.

²³ FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 01 jul. 1949.

²⁴ FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 7, 09 jul. 1949.

também em parte das publicações científicas), de que o estádio teria sido construído *para*²⁵ a realização do Campeonato Mundial de 1950, as evidências encontradas nas fontes indicam que o mesmo não foi concebido, primariamente, como parte do conjunto de exigências da FIFA para a consecução do evento em Belo Horizonte. Ele *tornou-se*²⁶ o estádio da Copa em Belo Horizonte, já durante o processo de sua execução, em função das investidas do presidente do Sete, Antonio Lunardi, com o apoio do poder público local (que enxergava no sedimento belorizontino uma propaganda mundial para a cidade). Assim, a presença de Belo Horizonte como cidade-sede da Copa só viria a ser confirmada em 1949, apenas um ano antes da realização do evento.

Muito provavelmente a viagem de Antonio Lunardi à capital do país se deu em razão da busca de uma garantia, por parte dos organizadores do evento, de que os jogos da Copa ocorreriam em Belo Horizonte, caso o Independência ficasse pronto. Com esta hipoteca, Lunardi poderia fazer pressão à municipalidade para que investisse na conclusão do seu estádio.

De fato, a ida do dirigente setembrino ao Rio de Janeiro parecia surtir imediato efeito. O “Estado de Minas”, através de telegramas e telefonemas, seguia atualizando as informações sobre os resultados da investida do clube da Floresta aos próceres cebedenses. E as notícias davam conta de que Belo Horizonte sediaria uma das chaves do Mundial, desde que o estádio Independência ficasse pronto a tempo. Os dirigentes da CBD também anunciavam uma série de viagens à capital mineira, para visitar as obras de construção do estádio, fiscalizando e relatando o andamento das mesmas ao Comitê Organizador. A matéria esclarecia:

RIO, 4 (Meridional) – Acaba a Confederação Brasileira de Desportos de atender ao anseio dos mineiros que desejavam ardentemente que Belo Horizonte fosse incluída entre as cidades brasileiras que servirão de palco para os jogos da Copa do Mundo. Na tarde de hoje, o presidente da entidade suprema, dr. Rivadávia Corrêa Meyer programou uma chave do Campeonato do Mundo para a capital montanhesa, constante de três rodadas duplas. A partida inaugural foi escalada para o dia 29 de junho de 1950. – TAMBÉM UMA FINAL EM BELO HORIZONTE – RIO, 4 (Pelo Telefone) – Deliberou igualmente a CBD que fará realizar no Estádio Independência uma das finais do certame mundial, uma vez que as arrecadações das pugnas eliminatórias sejam compensadoras. Nesta hipótese, terão os montanheses 7 pelepas internacionais para ver e, por conseguinte, conhecer no mínimo quatro seleções europeias. Pode-se acrescentar ainda que, segundo um telegrama recentemente divulgado aqui, caberá a Minas ver o grupo que inclui as representações da Inglaterra, País de Gales e Escócia. – VISITARÃO O ESTÁDIO DO SETE – RIO, 4 (Meridional) – Fala-se aqui que o presidente do Conselho Nacional de Desportos, dr. João Lira Filho, visitará as obras de construção do Estádio Independência, no próximo dia 17 do corrente. Em sua companhia irão os srs. Plínio Segurado Pinto e Canor Simões Coelho. O primeiro é figura de projeção dentro da CBD e o segundo representante dos clubes e da Federação Mineira nesta Capital. – ESTÁ NO RIO O PRESIDENTE LUNARDI – Podemos, de nossa parte,

²⁵Grifo nosso.

²⁶Grifonosso.

informar que o presidente do Sete, sr. Antonio Lunardi, se encontra no Rio desde sábado ultimo, tendo ido à Guanabara para tratar deste assunto e de promover uma exibição do Brasil em Belo Horizonte²⁷.

A vinda dos dirigentes da CBD seria acompanhada com vivo interesse pela imprensa belorizontina. Conforme anunciado pelos jornais do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte, a comitiva da Confederação Brasileira de Futebol desembarcava na capital mineira para acompanhar o andamento das obras do estádio do Sete. A comitiva carioca realizou, durante a sua estada, importantes tratativas no sentido de viabilizar a vinda de jogos da Copa do Mundo para a capital mineira. Outra reportagem do “Estado de Minas” reverberava, ainda com mais entusiasmo, o pós ocorrido do encontro, destacando com ênfase os resultados do mesmo entre as autoridades esportivas nacional com os representantes mineiros (políticos e desportivos):

[...] A MISSÃO DOS VISITANTES – Como se sabe, esses esportistas vieram a Belo Horizonte afim de conservar a possibilidade de ser a capital uma das sedes do Campeonato do Mundo e ainda do Campeonato Brasileiro, que se disputará no fim deste ano e princípios de 1950. Seu objetivo primordial foi visitar as obras do “Estádio Independência” [...]. As obras do campo, iniciadas em 1948, tiveram prosseguimento rápido e se encontram já bastante adiantadas. Por outro lado, também o campo do América será vistoriado, pois tem uma boa capacidade, colocando-se entre as grandes praças de esporte do Brasil. [...] IMPRESSÕES – Tivemos oportunidade de palestrar com o dr. Rivadávia Corrêa Meyer, presidente da CBD, sobre as futuras competições de envergadura que serão patrocinadas pela entidade, o Campeonato Brasileiro e o Campeonato Mundial. Inicialmente, declarou s. s.: - “Estou verdadeiramente satisfeito com as obras do estádio do Sete de Setembro. Depois de completado, poder-se-á equiparar ao Pacaembu e São Januário, ficando inferior somente ao Estádio Nacional do Rio de Janeiro. Achei as obras adiantadas e, com auxílio oficial e coragem por parte dos empreendedores deste magnífico trabalho, em pouco tempo elas estarão prontas. – O CAMPEONATO DO MUNDO – Prossegue o dr. Rivadávia: - “Assim, creio que poderemos fazer realizar jogos do Campeonato Mundial em Belo Horizonte, satisfazendo assim os justos anseios dos esportistas mineiros, que, pela ação grandiosa no cenário esportivo nacional, se fizeram credores de toda a atenção e portadores irrefutáveis do direito de assistir a jogos de grande importância. O estádio do Sete, depois de pronto, servirá magnificamente para o nosso objetivo. Nessa ocasião, quando se disputarem prélios reunindo seleções mundiais, teremos que acrescentar aos desportistas mineiros, além das homenagens de estilo, um bravo “hurrah” pela grandeza e magnificência do “Estádio Independência”²⁸.

Novamente o prefeito da capital mineira volta a ser protagonista neste processo. Com a pressão da CBD e do vereador Antonio Lunardi, Otacílio Negrão de Lima se vê numa posição politicamente desconfortável: não bancar o término das obras do estádio setembrino (e ficar com o ônus de Belo Horizonte não sediar a Copa do Mundo); ou assumir definitivamente a conclusão do Independência (o que quer dizer assumir um compromisso financeiro elevado). Tudo indicava que a

²⁷ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 10, 05 jul. 1949.

²⁸ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 10, 19 jul. 1949.

sua decisão pendia mesmo para a segunda hipótese. Em junho de 1949, já se percebia um movimento da municipalidade neste sentido:

Conforme foi noticiado, o sr. Nagib Alcici, credenciado pela Confederação Brasileira de Desportos, entregou um ofício ao prefeito Otacílio Negrão de Lima, no qual a entidade suprema solicitava informações à Prefeitura, atinentes à construção do Estádio Independência, do Sete de Setembro, ora em execução no Horto Florestal. Pedia a CBD esclarecimentos sobre o término das obras, pois a realização dos jogos da Copa do Mundo em nossa Capital estará condicionada somente à conclusão dos serviços, a tempo do certame cujo princípio está previsto para a segunda quinzena de junho de 1950, ou melhor, daqui a um ano exatamente. O prefeito belorizontino declarou ao representante da CBD que estava pronto a determinar a conclusão das obras, desde que a mentora indígena lhe oficiasse, comprometendo-se a fazer a programação antecipada dos cotejos que pretende efetuar em Belo Horizonte. A reportagem do Estado de Minas, por outro lado, pode antecipar que a Prefeitura já tomou para si a tarefa de conclusão das obras do Estádio Independência. Tanto isto é verdade que, já há dias, começaram os serviços de abertura de ruas em torno do estádio e deverá assumir a responsabilidade da construção na próxima segunda-feira [...]. Podemos ainda acrescentar que a Prefeitura mandará diversas turmas para o Horto, esperando-se que o término da construção atinja o princípio do ano próximo, a tempo pois do Campeonato Brasileiro. Aliás, muita coisa já está pronta, principalmente a drenagem do terreno, trabalho dos mais difíceis e lentos²⁹.

Com efeito, em meados de 1949 muito já se havia feito no terreno do Horto Florestal (embora muito ainda a se fazer havia). Para se ter uma ideia do ponto em que se encontravam as obras do estádio Independência, a “Revista Olímpica” trazia, em sua edição de Julho/Agosto de 1949, uma reportagem que mostrava o andamento dos trabalhos do campo do Sete, já o anunciando como o cenário da Copa do Mundo em Belo Horizonte:

Estádio. É sem dúvida o tema do momento, preferido pela maioria dos esportistas do Brasil, seja nos grandes ou pequenos centros. É um problema de difícil solução, já que todos sabem o quanto de sacrifícios requer a construção de uma grande praça. Agora mesmo, com a aproximação do certame mundial de futebol, o assunto que já há alguns anos dominava os meios esportivos nacionais passou a constituir o mais importante e discutido. São Januário, no Rio, seria pequeno para as grandes peijas da Copa Jules Rimet. [...] Resolvido o problema no Rio e em São Paulo, a preocupação dos dirigentes cebedenses passou para Belo Horizonte. Sendo, sem dúvida alguma, o terceiro centro esportivo do Brasil, foi a cidade escolhida para servir de local para a chave número 3 dos prélios da Copa, da qual fará parte a Inglaterra. Veio logo a pergunta: “E o local para esses importantes jogos”? A Alameda seria, naturalmente, incapaz para uma peija em que tomasse parte a Inglaterra. O campo do Barro Preto, idem, longe de resolver o problema. Então veio a lembrança do Estádio Independência, que o Sete, com grande e formidável esforço, vem construindo no Horto. [...] O esporte mineiro será o único beneficiado com seu colossal empreendimento e o clube florestino será também um dos nossos “grandes” – isso em consequência do esforço incomensurável de Lunardi. À ele, pois, a admiração de todo o bom desportista das Alterosas. Mas o Sete de Setembro

²⁹ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 9, 18 jun. 1949.

estaria em condições de dar a Minas o seu estádio a tempo da Copa do Mundo? Uma interrogação que passou a preocupar os responsáveis pelo sucesso do certame mundial. Então, Otacílio Negrão de Lima, o dinâmico Governador da Cidade, entrou decisivamente no caso, dando-lhe uma solução satisfatória, qual seja a encampação das obras do Estádio Independência, pela Prefeitura. Otacílio Negrão de Lima é o patrono dos esportes de Minas. Um título que se ajusta bem ao grande prefeito, sem dúvida o maior benfeitor dos nossos clubes.³⁰

Jogo Político e interesse da prefeitura de BH e a CBD

No entanto, Otacílio Negrão de Lima, mesmo disposto a ceder às exigências da CBD e às cobranças de Lunardi, reivindicava firmes garantias no sentido de que a Prefeitura obtivesse contrapartidas, recebendo vantagens (inclusive e principalmente financeiras), ao sediar jogos da Copa do Mundo na cidade. Após a visita dos dirigentes da Confederação, o prefeito vai pessoalmente à entidade, na capital do País, e se encontra com Rivadávia Corrêa Meyer³¹, e mais uma vez escuta que, sem a conclusão do Independência, Belo Horizonte não receberia a Copa do Mundo³².

Ao retornar para a capital mineira, Otacílio Negrão de Lima elabora as bases do convênio que definitivamente acertaria a participação da cidade no certame mundial, com o sedimento de três partidas da primeira fase do evento (muito menos que o prometido pela entidade).

Como se vê, o jogo de negociações se mantinha acirrado. Nenhum dos lados (CBD e Prefeitura) queria assumir os jogos da Copa em Belo Horizonte sem as garantias necessárias dos recursos financeiros (na verdade, pelo contrato estabelecido, a Prefeitura estava *comprando* os três jogos do Mundial, e obviamente esperava lucrar com o *produto* adquirido). Além disso, os negócios tratados entre a CBD e a Prefeitura levantavam desconfiças em parte do meio esportivo da cidade, que enxergavam nas transações de acordos a preeminência de interesses financeiros sobre as demais questões.

No segundo semestre de 1949, após as obras terem sido encampadas pela Prefeitura, era perceptível um aumento no ritmo da construção do Independência, embora ainda o mesmo estivesse longe de ser concluído, o que causava enorme preocupação entre os organizadores da Copa. Em outubro deste mesmo ano, a entidade representativa do futebol brasileiro, mesmo com o contrato firmado com a municipalidade belorizontina, parecia não estar convicta da realização do torneio na

³⁰ Revista Olímpica, Jul./Ago. de 1949, p. 10-11.

³¹ Esta reunião ocorreu no dia 1º de Agosto de 1949.

³² Revista “O Gigante do Horto - A história do Estádio Independência”, editada em 2012 pelo Jornal Hoje em Dia, p. 18.

cidade, face à incerteza do término da edificação do estádio (condição determinada pela CBD para sedimento dos jogos na capital).

O fim do ano de 1949 reservava expectativas e anseios entre a realidade da construção e o desejo da conclusão. No entanto, o tom anunciado pela imprensa seguia sendo extremamente copioso, produzindo discursos de convencimento e de ufanismo quanto ao estádio Independência. Na sua edição de 11 de dezembro daquele ano, o “Estado de Minas” trazia uma reportagem ilustrada, fazendo uma comparação com o “antes” e o “depois” das obras, explicitando imagetivamente a evolução dos serviços com o claro intuito de comprovar que os prazos seriam cumpridos:

ONTEM – O estádio do Sete de Setembro era quase um sonho. Apenas o local, um grande local. A topografia muito semelhante à do terreno onde se ergue o majestoso Estádio Municipal de Pacaembu. Um vale imenso, formado por um morro, dando a impressão de enorme ferradura. De início, viram os dirigentes do Sete que seu trabalho seria enormemente facilitado, dadas as condições da encosta, que reduziriam praticamente ao nada o emprego do concreto-armado. Os degraus se cavariam facilmente nos barrancos, para receber os tijolos e uma cobertura simples de cimento. Ontem, o estádio do Sete era quase um sonho.

HOJE - A praça de esportes do Horto, o Estádio Independência, é uma realidade. Realidade que engrandece os nossos sentimentos de progresso. Realidade que atesta o esforço e a tenacidade do presidente Antonio Lunardi. Realidade que aumenta a dívida de Belo Horizonte para com o prefeito Otacílio Negrão de Lima, pois ninguém desconhece que a Municipalidade encampou os serviços, dando-lhes todo o alento e transformando o sonho de ontem em portentosa realidade de hoje. Aí está, ainda não completo, mas atestando já proporções admiráveis o Estádio Independência, onde os mineiros poderão ver jogos do certame mundial. Um grande presente do Sete de Setembro ao esporte de Minas.³³

Faltando seis meses para a Copa

Em janeiro de 1950 (portanto a menos de sete meses da Copa do Mundo), o Independência seguia despertando os maiores interesses da comunidade esportiva de Belo Horizonte, manifestados via imprensa local. A “Revista América” trazia um extenso editorial como matéria principal na sua edição deste mês/ano, apresentando em duas páginas inteiras textos e imagens referentes à construção do estádio da Floresta. A reportagem é assinada pelo jornalista esportivo Januário Carneiro, que destacava, dentre outras coisas, a grandiosidade monumental do projeto:

A Copa do Mundo de 1950, com toda a sua grandiosidade espetacular, populariza a atenção universal dos aficionados do esporte. A gigantesca parada de equipes formidáveis e craques maravilhosos, nata do futebol mundial, vai encantar as multidões que encherão os estádios do Rio, de São Paulo, de Belo Horizonte e Porto Alegre. Evento que num mesmo país só se registra de cem em cem anos, o

³³ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 11 dez. 1949.

desfile das 16 nações pelos gramados nacionais já tomou conta das atenções da torcida e da crônica. Já agora, seis meses antes do magno certame, a Taça Jules Rimet é o assunto absoluto³⁴.

A Pré-inauguração

Apesar dos indisfarçáveis contratempos, o estádio setembrino seguia rumo à sua inauguração (menos pomposa do que se pretendia e muito tempo depois do que se previa³⁵). Em 18 de junho de 1950, o Sete abria os portões do seu estádio para uma “pré-estreia”, recebendo um treino da sua equipe profissional. Uma abissal distância do fausto desejado, haja vista que as tratativas iniciais davam conta de um jogo mais importante do que um treino entre titulares e reservas do seu quadro principal. O ocorrido jogo-treino, no entanto, acabou sendo bastante concorrido, não obstante o fato da curiosidade sobre o estádio ter arrebanhado uma pequena multidão para um evento que, em condições normais, não despertaria tanto interesse. O jornal “Folha de Minas” registrou assim a pré-inauguração:

Constituiu um espetáculo magnífico, na manhã de domingo, o primeiro contato das equipes do Sete de Setembro com o gramado do “Estádio Independência”. Uma enorme assistência, calculada em cerca de cinco mil pessoas, transportou-se na manhã esplêndida de anteontem, para o Horto Florestal, a fim de conhecer a maior praça de esportes de Minas Gerais e assistir ao primeiro contato dos vermelhos com o tapete verde do seu monumental estádio. Aqueles que estiveram no “Colosso Setembrino” ficaram entusiasmados com a notável obra que o grêmio de Antonio Lunardi ergueu com a ajuda da Prefeitura de Belo Horizonte, pois, na verdade, o “Estádio Independência” é a realização de um sonho acalentado durante 37 anos pelos adeptos do querido clube da Floresta – o seu campo próprio. E aí está, diante dos nossos olhos, a realidade desse sonho que para muitos parecia impossível³⁶.

Finalmente haverá jogos da copa de 1950 em BH

Depois de tantas indefinições, finalmente o anúncio das partidas que seriam realizadas em Belo Horizonte dava definitivo alento a todos os envolvidos e interessados. Com isto, já era possível projetar a inauguração do “Gigante do Horto” para a primeira partida da Copa do Mundo na cidade. A reportagem do “Folha de Minas” estampava a notícia, com avivado entusiasmo, e apresentava a matéria:

Viverá Minas Gerais domingo um dia de gala, com a inauguração do Estádio Independência [...], uma obra de proporções gigantescas, e que vem atestando o desenvolvimento dos esportes do nosso Estado. O presidente Antonio Lunardi, recebendo a colaboração do prefeito da Capital, dr. Otacílio Negrão de Lima, levou

³⁴ Revista América, Jan. de 1950, p. 11.

³⁵ A intenção inicial do Sete era inaugurar o seu estádio no dia 07.09.49, data do seu 36º aniversário de fundação.

³⁶ FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 9, 20 jun. 1950.

à frente a construção de um estádio com capacidade para mais de 40 mil pessoas, dentro das mais modernas linhas da engenharia mundial. Saberá, contudo, o público esportivo das Alterosas reconhecer o esforço e o trabalho desses abnegados esportistas, que antes de tudo pensaram em trabalhar pelo crescente progresso de Minas, não medindo sacrifícios para que o nosso Estado possuísse uma praça de esportes digna do seu desenvolvimento. E já domingo, os esportistas mineiros encontrarão abertos os portões do majestoso Estádio Independência, assistindo na ocasião a uma partida verdadeiramente sensacional, em disputa da Copa do Mundo³⁷.

A partida entre Suíça e Iugoslávia, no dia 25 de junho de 1950, marcaria de fato o jogo inaugural do novo estádio de Belo Horizonte. Obviamente, são fartas as matérias em periódicos locais que tratam do ocorrido. Destacamos aqui a reportagem do “Estado de Minas”, que reverbera ecos logo antes da partida e mostra o sentimento de dever cumprido frente à demanda colocada pela FIFA e CBD:

A NOSSA PARTE – O futebol mineiro entra nesta grandiosa competição que é o campeonato do mundo com o Independência. Foi o que pudemos oferecer à CBD e que demos em colaboração para o sucesso da maior iniciativa de todos os tempos do futebol brasileiro. É um estádio que ainda não é o que será, mas que já pode ser visto sem qualquer desdouro por desportistas mineiros e estrangeiros e perfeitamente à altura de permitir jogos de grande vulto em Belo Horizonte. O internacional desta tarde permitirá assim ao público mineiro ver dois quadros que nunca viu e ainda o maior estádio de que dispomos no momento³⁸.

Mesmo com a consciência de que toda inferência feita esteja sobre a necessária determinação das fontes analisadas, chegar a uma verdade é algo demasiadamente pretensioso. Neste sentido, toda a construção deste estudo permite no máximo apontamentos, pistas a serem interpretadas. Ainda assim, percorrer os caminhos trilhados pela construção de um dos principais estádios de futebol de Belo Horizonte se tornou um trabalho árduo, para além de gratificante, permitindo o diálogo com um plural conjunto da dinâmica social.

Acreditamos que esta pesquisa fornece as bases para o desdobramento de novas investigações, perspectivando outras possibilidades de análises e reflexões.

À Guisa de Conclusão

O Independência cumpria a sua função: dotar a capital mineira com um estádio de futebol que fizesse frente às maiores cidades do país. Símbolo de um *status* e da fundação de uma baliza arquitetônica que projetava Belo Horizonte para o resto do mundo, o estádio do Sete de Setembro inaugurava uma nova era no futebol belorizontino. Celebrava-se, com a inauguração do “Gigante da

³⁷ FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 21 jun. 1950.

³⁸ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 2, 25 jun. 1950.

Floresta”, um momento de pletora e grandiosidade, onde o orgulho de Minas Gerais parecia se renovar frente ao monumento erguido no Horto.

Importante destacar as evidências apontadas pelas fontes, que demonstraram cabalmente que a construção do Estádio Independência não foi motivada centralmente para sediar a Copa do Mundo de 1950, mas sim como um projeto ligado fundamentalmente às pretensões do clube Sete de Setembro em se projetar no cenário esportivo da cidade. O que ocorreu, historicamente, foi a convergência de fatos que levaram o intento dos dirigentes setembrinos à adesão do plano de sediar o campeonato mundial como forma de conclusão da obra.

Após a Copa do Mundo o Independência seguiria sendo, durante uma década e meia, o principal palco do futebol de Belo Horizonte, concentrando a atenção das principais disputas e torneios na cidade. A sua existência também contribuiria decisivamente para o ostracismo dos demais estádios da capital, que sucumbiriam frente a uma presença tão significativa.

Com a inauguração de outro gigante em 1965 (desta vez o da Pampulha, em detrimento do Horto), o Independência sofreria abandono semelhante ao que causara aos outros estádios que o antecederam, e amargaria paulatinamente a perda do brilho de outrora como o mais importante palco esportivo da cidade.

REFERÊNCIAS

BALE, John. **Sport, space and the city**. Caldwell: The Blackburn Press, 1993.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editorial, 1988. Trad. Maria Manuela Galhardo.

GAFFNEY, Christopher Thomas; MASCARENHAS, Gilmar. O estádio de futebol como espaço disciplinador. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL MICHEL FOUCAULT, 1., 2004, Florianópolis, SC. **Seminário Internacional Michel Foucault – Perspectivas**. Florianópolis, SC: UFSC, 2004.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 143-180.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. Métodos e Fontes na História da Educação e Educação Física. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 4., 1996, Belo Horizonte. **Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física**. Belo Horizonte: UFMG/EEF, 1996. p. 35-49.

MASCARENHAS, Gilmar. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. **Espaço e Cultura: UERJ**, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 61-70, jan./ dez., 2005. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3492/2420>. Acesso em: 01 mai. 2021.

SCHETINO, André Maia. **Os Gigantes e as Multidões**: estádios e cultura esportiva em belo horizonte (1950-1965). 2014. 143 f. Tese (Doutorado) - Doutorado em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS - Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica.

FINANCIAMENTO - Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES - Não houve.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Giovani De Lorenzi Pires

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosário; Keli Barreto Santos.

HISTÓRICO

Recebido em: 14 de agosto de 2021.

Aprovado em: 17 de março de 2022.

